

N-1  
edições

Pesquisar...



Atenção : Frete grátis a partir de oitenta reais

[CONFIRA](#)

(137)



siga nosso instagram  
 e receba no seu feed  
 os novos textos  
 #PandemiaCritica



(...)

# *Ficar com o problema* de Donna Haraway

TRADUÇÃO Ana Luiza Braga, Caroline Betemps, Cristina Ribas,  
Damián Cabrera e Guilherme Altmayer

REVISÃO Ana Luiza Braga



**Conversa entre Donna Haraway, autora do livro *Ficar com o problema*<sup>1</sup>, e sua tradutora para o espanhol, Helen Torres, em maio de 2020.**

**Helen:** Olá, obrigada a todas, obrigada à Maria pela apresentação, obrigada à Donna por sua generosidade ao compartilhar seu tempo com a gente, e obrigada por seu trabalho, que para mim é inspirador e generativo de muitas maneiras que eu não poderia ter imaginado na primeira vez que li você, assim que agradeço por tudo isso. Eu gostaria de oferecer essa conversa não como uma lista de soluções sobre o que fazer, e muito menos sobre em que acreditar, mas como um dispositivo para aprender a pensar melhor, para aprender a pensar bem nesses momentos de incerteza. Ontem eu estava preparando as perguntas e tinha tantas! Também escrevi a colegas e amigas do campo das artes e do ativismo para que compartilhassem suas perguntas com Donna e por isso agora tenho muito mais perguntas, mas me dei conta de que todas elas tinham uma conexão entre si, e é disso que pretendo falar hoje: como ler seu livro “Ficar com o problema” hoje. Como é uma pergunta um tanto grande demais, o que vamos fazer é trazer algumas perguntas em relação à situação atual, em diálogo com citações do livro. De acordo? Aqui tenho o livro em espanhol, que é lindo. Esta é a versão em espanhol que foi publicada ano passado. A versão original, que também temos aqui, porque é dela que vou ler as citações, foi publicada em 2016. Você escreveu o livro há pelo menos cinco anos e o problema era, é claro, o mesmo que nos traz à situação em que nos encontramos agora, ainda que ela tenha mudado, e acredito que o que mudou muito é como lemos o problema. Vou começar com a minha primeira pergunta mas, antes de começar com as perguntas, quero ler uma citação do seu livro para as pessoas que ainda não o leram. A primeira citação é do capítulo “Pensamento tentacular”; quero ler essas citações para que as pessoas tenham uma ideia do que você disse há mais de cinco anos e de como podemos lê-lo agora, de acordo? A primeira citação diz:

“Como podemos pensar em tempos de urgência *sem* os mitos autoindulgentes e autorrealizáveis do apocalipse quando cada fibra de nosso ser está entrelaçada, e é até mesmo cúmplice, das redes de processos nas quais, de alguma maneira, é preciso envolver-se e voltar a desenhar?”

Bem, agora leio isso e me sinto realmente comovida, é muito intenso... então a minha primeira pergunta tem a ver com algo que você diz na introdução do livro, quando você diz:

---

<sup>1</sup> *Ficar com o problema: gerar parentesco no Chthuluceno*, a ser publicado pela n-1 edições em tradução de Ana Luiza Braga.

“O livro e a ideia de “ficar com o problema” são especialmente impacientes com duas respostas aos horrores do Antropoceno e do Capitaloceno que escuto com demasiada frequência. A primeira é fácil de descrever e, acredito, descartar: se trata da fé cômica nas soluções tecnocráticas, sejam seculares ou religiosas. ( ) A segunda resposta, mais difícil de descartar, é provavelmente ainda mais destrutiva: concretamente, a posição na qual o jogo se dá por terminado”.

Então, estes dois tipos de resposta, a solução tecnocrática e a ideia de dar o jogo por terminado, estão em todas as partes hoje: há a ideia de que uma vacina será a solução para todos os nossos problemas e, é claro, é muito difícil descartar a ideia de dar o jogo por terminado. Então, a pergunta de como devir-com o vírus, porque escutei também da Vinciane Despret estes dias, em um encontro organizado pelo Center for Art and Media Karlsruhe, e ela disse que temos que ser diplomáticas com o vírus. E toda a ideia do livro trata da necessidade de “devir-com”, ou seja, a resposta não é tecnocrática, nem se trata do fim do jogo, senão de devir-com, como você diz, devir-com ou não devir em absoluto. Portanto, esta é a minha primeira pergunta: como ‘devir-com’ o vírus e ao mesmo tempo pensar sobre a declaração de Vinciane, de que temos que ser diplomáticas com o vírus?

**Donna:** Ok, bom dia e boa tarde. Quero dizer muito obrigada pela tradução, Helen, e pela publicação, Maria; precisamos das nossas livrarias hoje, isso é muito importante. E agora passarei ao inglês!

Bem, o jogo não acabou e não temos uma solução tecnocrática, mas estamos vivendo tempos de urgência. Está bem a imagem? Minha imagem falhou por um instante. Há tantas coisas para dizer, tantas coisas para sentir e fazer uns com os outros em tempos de pandemia. Em tempos de... estamos atravessando um modo de viver intensificado, uma consciência intensificada do que se liberou em Gaia, do que foi liberado com os modos pelos quais a Terra vem sendo danificada a ponto de se tornar propícia para a pandemia, de modo que a rápida propagação massiva da enfermidade e a intensificação da extração, mesmo em tempos de sofrimento em massa, mostram que o capitalismo de catástrofe está indo muito bem hoje, obrigada! E há muito lucro sendo feito mesmo enquanto se experimenta a doença e a morte, por exemplo, nos Estados Unidos, com particular severidade nas comunidades de pessoas racializadas e em terras indígenas. A Nação Navajo, por exemplo, tem a taxa de enfermidade e morte mais alta dos Estados Unidos, uma taxa de enfermidade e morte inclusive mais alta do que a da cidade de Nova Iorque, o que é terrível. E dentro da cidade de Nova Iorque, todos sabemos que quem mais padece são as comunidades de pessoas racializadas, não apenas na cidade de Nova Iorque, mas com especial intensidade nela. Então, os tempos em que estamos vivendo são tempos de uma intensificação do que vem sucedendo estrutural e afetivamente no mundo há muito tempo. E este também é um momento em que vemos as



peças tentando pensar e atuar, tratando de se dar conta do que virá depois, que não é o mesmo que se tinha antes, tratando de pensar coletivamente, de criar comunidades, tipos de movimentos que se dirijam para o cuidado e a justiça como, por exemplo, repensar a questão do fornecimento de alimentos como uma questão de cuidados e justiça que se intensifica em tempos de pandemia. Está perfeitamente claro que os trabalhadores essenciais no fornecimento de alimentos em um país, e em outro, e em outro, são pessoas hiper-exploradas, muitas vezes migrantes, em situação ilegal, que não possuem terra, que não têm moradia adequada nem proteção de sua própria saúde e que frequentemente têm as piores escolas e não falam os idiomas da cultura dominante. Está claro que as cadeias de fornecimento de alimentos dependem tanto dos organismos como do monocultivo de plantas e animais, dependem do humano e do não-humano de maneiras que perpetuam a injustiça alimentar: o deserto de alimentos em alguns lugares e os castelos de alimentos para hiper-elites em outros lugares. Muitos de nós, em tempos de pandemia, estamos repensando seriamente como a crise dos alimentos poderia dar lugar a mercados locais mais fortes, a diferentes tipos de cadeias de abastecimento, à atenção à legalização e proteção dos trabalhadores da alimentação, prestando atenção à forma pela qual os trabalhadores essenciais, em muitos sentidos, são os mais explorados.

Então, me parece que, em tempos de pandemia, sem o apocalipse e sem a ideia de uma solução tecnocrática, não é que a vacina venha para arrumar tudo isso, senão que surge uma maior compreensão de perguntas como “quem come e como?” e “quem é comido e como?” Perguntas que poderiam, talvez, resultar em mudanças fundamentais, desafios fundamentais tanto para as condições laborais como para a própria existência da agricultura animal industrial e das cadeias alimentares globalizadas que implicam uma insegurança alimentar extremamente desigual. Penso nisso como uma forma de negociar com o vírus porque o vírus intensifica isso, mas o vírus não causou essa situação. E em tempos de confinamento relativo, de crises econômicas, de confinamento para alguns e trabalho forçado para outros, este não é um momento de refúgio para todos; de fato, tem sido um momento de exposição intensificada para muitos, enquanto que um grande número de pessoas estão confinadas e as economias se destroem. Nesta situação de urgência intensificada, talvez, modos significativos de viver e morrer, como o complexo industrial de alimentos de origem animal, por exemplo, finalmente estarão sujeitos aos movimentos políticos, emocionais e comunitários de justiça e cuidados que são necessários há muito tempo, mas que estão especialmente evidentes agora. Isso faz algum sentido?

**Helen:** Sim, obrigada pela resposta, ela responde a muitas perguntas que tenho aqui, então está perfeito. Enquanto você falava, pensei em duas coisas que você disse que são muito importantes no seu livro: uma é a ideia da dupla morte, a outra é a de temporalidade. Bem, primeiro em relação ao que você acaba de dizer e a essa ideia de dupla morte de Deborah Bird Rose, que ambas usam de uma maneira muito interessante e importante. Vou ler uma das notas – as notas do livro são incríveis – e é uma nota do



capítulo 5, “Semear mundos”, um dos meus capítulos favoritos do livro; gosto muito da cama de gato que você tece com Ursula K. Le Guin. Bem, aqui você cita Deborah Bird Rose e diz: “Rose, em *Reports from a Wild Country*, me ensinou que é a recuperação, e não a reconciliação ou a restauração, o necessário e, talvez, o possível. Me parece que muitas palavras que começam com *re-* são úteis, incluindo *ressurgência* e *resiliência*. *Pós-* é mais problemático.” Gostaria que você explicasse essa ideia de dupla morte proposta pela Deborah.

**Donna:** Deborah Bird Rose, que faleceu recentemente, e esta é uma perda importante para a nossa comunidade, era uma antropóloga que trabalhava na Austrália, e a partir do que lhe ensinaram seus mestres aborígenes do norte e do centro-norte da Austrália, ela propôs, em inglês, a ideia de dupla morte, que ela sentia ter aprendido do estudo com seus mestres, seus mentores. A dupla morte tem a ver com matar a continuidade. Viver e morrer de modos florescentes, de modos mortais e finitos, cuidando do campo, cuidando da terra, cuidando das gerações em um morrer e viver juntos, isso é bom. A dupla morte não é viver e morrer, não se trata de morrer, nem mesmo de matar, mas de matar a própria continuidade, matar as condições que permitem que se siga vivendo; matar o coração, matar a terra, o extermínio das espécies, o extermínio dos modos de viver e morrer juntos. A dupla morte é o assassinato da continuidade, é o assassinato da possibilidade de continuar. Então, a extinção em massa, o genocídio, a destruição ecológica, todos são exemplos de dupla morte. Acho que o que todxs nós enfrentamos agora é um viver para desfazer... aprender a desfazer os fios da dupla morte e a re-... reconstituir, reabilitar, fazer viver novamente, por meio de recuperação parcial, os modos de viver e morrer que merecem um presente e um futuro. Então, não haverá um retorno às condições anteriores, não haverá recuperação completa, nem alguma restauração completa, nem mesmo uma reconciliação posterior... e não só depois, mas em meio a um genocídio em curso. Mas nós precisamos reconstituir as nossas condições para seguir uns com os outrxs com aguda consciência daquilo que herdamos, tanto as forças históricas como as devastações que herdamos. E acredito que Deborah Bird Rose é uma das pessoas que mais me ensinou a partir de seu próprio trabalho. Penso também em Lesley Green na África do Sul, penso em Kim TallBear, em Edmonton, e tantas outras. Penso em todas essas pessoas que estão profundamente comprometidas com lugares reais, tanto com povos indígenas como com outros povos que vivem em seus lugares lutando pela possibilidade de florescer.

**Helen:** Há uma coisa que você diz no livro que me encanta e é que ninguém vive só, todxs estamos conectados a algo, nem tudo está conectado a tudo e todxs vivemos em um lugar, não em todos os lugares.



**Donna:** Sim, ninguém está em todos os lugares e ninguém é responsável por fazer tudo, mas temos a responsabilidade de fazer o que podemos e temos a responsabilidade de estar em nossos lugares construindo laços, construindo laços e conexões, hiperespaços... este pequeno bicho fabuloso de crochê foi feito por Vonda McIntyre, escritora de ficção científica e tecelã que contribuiu para o projeto Crochet Coral Reef, que é uma figuração maravilhosa e uma instância a estar em nosso lugar com outrxs e a lançar laços, fazendo conexões, fazendo os tipos de conexões que conformam nosso cosmopolitismo. Então, não é um cosmopolitismo que vem de cima, mas uma espécie de cosmopolitismo por estar em nosso lugar e fazendo lugar uns com os outrxs e conectando lugares, conectando... não é uma questão de se restringir ao local, como se estivéssemos cercados por paredes, mas é uma questão de laços, de lançar e apanhar laços lançados por outrxs para atar o que precisa ser atado a fim de viver bem como seres terrestres.

**Helen:** Acredito que o que você diz se torna mais difícil agora, tecer essas conexões em isolamento com o confinamento. Sei que a virtualidade não pode substituir a corporalidade, e não é que isto desapareça, mas temos que aprender a nos relacionar de outra maneira. E acho que uma das formas pelas quais podemos fazer isso é o que você faz com as histórias, pois contar histórias é a prática de conectar ideias, quero dizer, as diferentes histórias que você conta estão conectadas, não são histórias isoladas as que você busca, deve haver uma conexão entre as histórias. Por exemplo, em “Histórias de Camille”, que é o último capítulo do livro, que poderíamos dizer que é um livro acadêmico, ou ao menos tem um formato de livro acadêmico, mas você o termina com um conto, uma história de fabulação especulativa, que é algo realmente arriscado e que adoro. Então, você poderia nos contar algo sobre esta história, sobre as histórias de Camille? Podemos ler um pouco, para quem não leu o capítulo 8, “Histórias de Camille”, no qual Donna diz: “As crianças do composto”, porque Camille é parte desta comunidade do composto, “As crianças do composto insistem que precisamos escrever histórias e viver vidas para o florescimento e para a abundância, sobretudo frente à destruição e ao empobrecimento devastadores”. Então, conte-nos sobre as histórias de Camille e como elas podem nos ajudar a “pensar-com” ou a pensar melhor.

**Donna:** Então, vejamos se eu consigo colocar isto aqui... isto é o frontispício das histórias de Camille, é uma escultura de madeira feita no início do século XX no México, que está em um museu em Vancouver. Não está claro quem a fez nem como exatamente essa escultura de madeira chegou ao museu em Vancouver, mas para mim é uma forma realmente poderosa de pensar sobre os laços da Terra, os laços dos seres humanos entre si, os laços entre o humano e o mais que humano, entre o humano e o não-humano, em tempos de grande precariedade e vulnerabilidade. Então, as histórias de Camille são a minha primeira tentativa de escrever uma ficção especulativa, uma ficção científica, e surgiu de uma oficina de narração especulativa na França. Eu estava em uma pequena sessão à tarde com Vinciane Despret e Fabrizio Terranova e os organizadorxs da oficina tinham

armado nosso pequeno exercício de narração especulativa, dando a cada pequeno grupo de escrita um bebê e dizendo: “agora vocês têm um bebê em mãos e são responsáveis por ele, e de alguma maneira precisam fazer com que esse bebê atravesse cinco gerações, cinco gerações humanas. Esse bebê e as gerações desse bebê precisam persistir por cinco gerações de alguma forma, então façam algo na sua história.” Foi assim que Vinciane, Fabrizio e eu decidimos que nosso bebê não era homem nem mulher, mas se chamava Camille, que é gênero fluido; e desenvolvemos um mundo, um mundo de ficção científica, um mundo de fabulação especulativa no qual comunidades de diferentes lugares da Terra se uniam ou ressurgiam em seus lugares na Terra para um cuidado potencializado durante períodos de grande perigo, particularmente em relação à desaparecimento de modos de vida, à desaparecimento de povos e à desaparecimento de outros bichos. E a comunidade de Camille está situada em uma área de mineração de carvão na Virgínia Ocidental que foi devastada pela extração de carvão a céu aberto. Essa comunidade se une e um dos propósitos das comunidades do composto é, em um período de algumas centenas de anos, reduzir o número de seres humanos que estarão na Terra, dos aproximadamente 11 bilhões que serão ao final deste século, gradualmente, a alguma outra quantidade que manterá maior equilíbrio entre o humano e o não-humano nesta Terra; mas fazendo isso com justiça reprodutiva e ambiental, conceitos desenvolvidos particularmente por mulheres racializadas do SisterSong e outrxs, por meio de práticas de justiça ambiental e reprodutiva feminista e antirracista como os meios e não apenas como a meta, de modo que o restabelecimento do equilíbrio da Terra se realiza através de práticas de justiça ambiental e reprodutiva multiespécie. Então, nas comunidades de Camille, cada novo bebê tem pelo menos três progenitorxs e a pessoa que gesta o bebê tem a responsabilidade particular de identificar outra espécie que esteja em perigo de desaparecer durante as cinco gerações, a menos que as comunidades assumam responsabilidades especiais. Assim, a bebê que nasceu como Camille está unida às borboletas-monarca ao nascer, inclusive geneticamente unida, de modo que os seres humanos são geneticamente modificados e não as borboletas. A tarefa dos seres humanos é se unir com outros povos e outros bichos durante todo o tempo de vida das borboletas-monarca para que elas possam ter um futuro que alcance cinco gerações. Portanto, os Camille herdam essa responsabilidade uns dos outrxs, de uma geração para a outra. E na segunda geração, Camille passa muito tempo em Michoacán, no México, nas áreas onde as borboletas-monarca que voam pela rota migratória do leste que vai do México até a América Central, passando pela área do Golfo e do leste dos Estados Unidos até o Canadá, essa grande zona por onde migram as borboletas ao norte e ao sul durante o inverno e o verão. Durante o inverno no México, Camille é parte do cosmopolitismo dxs Camille, que consiste em fazer conexões com as pessoas, com os cultivadorxs, com os silvicultorxs, com os camponeses, com os povos indígenas e outrxs, através dos modos de vida da borboleta para fazer florescer o humano e o não-humano juntos. Então, Camille é tomada pela mão pelas mulheres zapatistas em defesa da terra e da água e primeiro aprende sobre o transvase de águas pelo qual as águas de zonas de mananciais de Michoacán



são transportadas para a Cidade do México. Mesmo quando as fazendas e as pessoas de Michoacán são pobres em água, suas terras e suas áreas de subsistência são transformadas em plantações de abacate para exportação internacional, uma colheita rentável que deixa as pessoas ainda mais vulneráveis à escassez de alimentos, talvez com um pouco mais de dinheiro, mas em um mundo com uma cadeia alimentar global-internacional ligada pelo ouro verde, os abacates. Camille aprende, em outras palavras, todo o aparato de transformações de modos de vida que, entre outras coisas, põe em perigo a borboleta-monarca, mas não apenas as borboletas-monarca, e sim modos de vida inteiros. As alianças de Camille, portanto, consistem em trabalhar com e para os humanos e os não-humanos: os pinheiros oyamel, os povos das reservas de borboletas, os povos dos bosques intermediários que são importantes pela água e pela madeira, os povos e outros organismos com as colheitas, com as árvores, porque ser diplomáticas com as árvores de abacate é um pouco como ser diplomáticas com o novo coronavírus; como ser diplomáticas? Então a tarefa de Camille nessas comunidades do composto é participar em práticas de justiça e cuidado multiespécie... com a minha boneca. Foi um presente de Jim Clifford e Judith Aysen pelo meu aniversário de 50 anos. Judith ensina todos os anos em Chiapas nas comunidades maia e está particularmente atenta aos movimentos zapatistas. Jim e Judith me deram essa boneca quando fiz 50 anos e ela tem sido uma das minhas figuras animadas desde então. Ela é uma das ancestrais de Camille. Esta boneca é uma das razões pelas quais Camille viajou a Michoacán.

**Helen:** Então a boneca chegou muito antes de Camille...

**Donna:** Muito antes! Mas o fato é que o movimento zapatista hoje... Em 2019, as mulheres zapatistas realizaram uma conferência internacional de grande poder para falar sobre questões da água, da terra, da justiça e da comunidade, é um movimento contínuo no tempo presente.

**Helen:** Obrigada pela forma em que você fez este resumo incrível das histórias de Camille. Acho que a história de Camille é realmente uma história de “gerar parentesco”, que é o subtítulo do livro. O subtítulo do livro é “Gerar parentesco no Chthuluceno” e acredito que o que você faz para encerrar o livro é uma maneira muito coerente de apresentar todas as ideias, todos os conceitos e todas as teorias que você vem desenvolvendo ao longo do livro, finalmente você as coloca todas juntas em uma narração que conecta todas essas ideias de “fazer parentes” e o que isso realmente significa. É uma fabulação mas também há fatos, você usa muitos fatos científicos para construir uma história, a história que você contou sobre a água também. E o que eu amo desta ideia de “Faça parentes, não bebês” é como você coloca a responsabilidade, ou como você chama, “responsabilidade”, com o benefício do hífen, como duas palavras que passam a significar algo maior. E a ideia de responsabilidade e a ideia de gerar parentescos têm a ver com a



diplomacia. Nestes dias, isso também me lembra que algumas pessoas dos movimentos queer ou dos ativismos gay, pessoas que vivem e morrem com HIV, chamaram atenção sobre algo que aprendemos ou que deveríamos ter aprendido do que se chamou a “pandemia rosa” - temos que lembrar pelo nome, a pandemia da AIDS, e da diferença entre contágio e transmissão. Essa diferença importa porque ela põe a responsabilidade, ou a capacidade de resposta, não na culpa, não em ser culpado, e sim no cuidado. Você contava agora sobre a comunidade do composto que se une e trabalha com as borboletas-monarca não para salvá-las, mas para torná-las presentes nessa continuidade da qual você falava.

Então, há tantas coisas para perguntar, mas eu gostaria de voltar um pouco já que acabamos de falar da responsabilidade e há outra pergunta que, acredito, é muito importante que esclareçamos, e é a ideia da temporalidade. Acho que a temporalidade é muito importante não só no seu livro mas também, como você já apontou, na forma em que estamos vivendo uma ideia de futuro. Nos primeiros quinze dias de confinamento, particularmente, houve uma espécie de fenômeno em que muitas pessoas começaram a postar fotos delas mesmas de quando eram jovens. E isso foi imenso, em todas as partes do mundo. Um amigo meu disse: “O que está acontecendo? A gente está se despedindo pelo Facebook? O que é isso?” E outra disse: “é que como não podemos imaginar o futuro, estamos olhando para o passado”. E eu disse, uau, sim, mas este é um passado individual. Parece que não podemos imaginar o futuro porque perdemos todos os nossos compromissos e planos, e então é como se não tivéssemos uma vida. Enquanto eu estava pensando sobre isso, o tempo todo me vinham à mente duas palavras do seu livro, que é uma construção muito inspiradora, o “presente espesso”. Você sempre fala desse “presente espesso” e também define o Chthuluceno como temporalidades emaranhadas entre o que foi, o que é e o que ainda está por ser. Vou ler uma citação do livro, a pergunta seria para você expandir essa ideia do “presente espesso” e como podemos lê-la hoje. Ok, então esta é... sim. Esta citação está no capítulo “Semeando Mundos”. Você diz, em “Semeando Mundos”, de novo, vou ler uma citação do mesmo capítulo, desculpe. Você diz: “Junto a Ursula Le Guin, estou comprometida com os detalhes meticulosos e disruptivos das boas histórias que não sabem como terminar. As boas histórias alcançam os passados ricos que sustentam presentes espessos a fim de manter a continuidade da história para aqueles que vêm depois”. Então, você poderia falar sobre esse presente espesso e que tipo de histórias são essas que precisamos neste presente espesso?

**Donna:** Vamos lá! Acho que você sabe que a Ursula Le Guin é uma das minhas heróínas e que seu ensaio de muitos anos atrás, “The Carrier Bag Theory of Fiction,” é muito importante para mim. Nessa história ela fala sobre a necessidade de deixar de contar o conto fálico, o conto do herói com as armas, o conto de viagens fálicas que regressam com a recompensa... basta de histórias fálicas! Precisamos contar as histórias

dos detalhes minuciosos de como viver e morrer juntxs, as histórias de colecionar e compartilhar e pegar e dar que não são, de forma alguma, histórias inocentes, mas são histórias de viver e morrer como uma sacola de rede, como uma *mochila*, como uma espécie de coleção. Essas são as histórias que Le Guin pensa como a forma da ficção. Então, não se trata do espaço da matriz com o significante privilegiado que se desloca através do relato, senão algo mais parecido a isto... ou algo como isto... você consegue ver? Sim... opa... aí vamos nós! Esta é uma mochila portadora que a Tania Pérez-Bustos me deu de presente em Bogotá no verão passado, quando a visitei. Ela foi feita por um coletivo de mulheres que trabalham em defesa da terra, da água e da saúde reprodutiva, contra a violência sexual. É uma história de mulheres camponesas e indígenas que trabalham com artesanato em tecido. Isto, como você pode ver, é um útero que traz o trocadilho *Flore-Ser, florescer*. O trocadilho é óbvio, embora eu tenha levado bastante tempo para entendê-lo. Esta é uma mochila portadora na teoria da sacola portadora de ficção de Le Guin. Dentro dessa mochila, quando você a recebe, estão as histórias das pessoas que estão tomando medidas para defender suas vidas agora, no contexto das suas próprias histórias, que são humanas e mais-que-humanas. É um presente espesso, é um presente que traz o passado emergente, o passado que está presente e no presente em prol da continuidade do que ainda pode vir a ser, do que ainda é possível. É uma história de viver densamente uns com os outrxs em um tipo de relação próspera com quem veio antes para transmitir a quem virá depois algo menos violento. Isto é, outra vez, o modo de Deborah Bird Rose, o que ela aprendeu sobre temporalidade, que o presente é o momento de cultivar a capacidade de dar resposta: responsabilidade. Não é uma lista de regras, não são responsabilidades como uma lista ética ou política preconcebida, mas sim o cultivo mútuo da capacidade de resposta, de maneira que sejamos capazes de prestar contas àquelxs que vieram antes e assim tornar o mundo, para os que vierem depois, mais cheio de práticas de justiça e cuidado. E é isso o que quero dizer com presente espesso. É o tipo de contação de histórias que Le Guin pratica, além de muitos outrxs. Penso que nossas práticas de contação de histórias estão repletas de formas de imaginar e performar mundos que façam mais sentido.

**Helen:** Ok, obrigada. Já que você estava falando sobre Ursula Le Guin, eu gostaria de ler uma citação do seu livro na qual você usa muito o pensamento e as práticas indígenas como possibilidades reais de regeneração e ressurgência. Você nos conta muitas histórias, como a história de Black Mesa, das terras Navajo e Hopi, e a do jogo de computador Inuit, "Never Alone". Você diz algo que eu amo, que é esta ideia da tecelagem Navajo como uma performance cosmológica, que também é uma forma de continuar a história, de seguir contando histórias. A ideia de tecer também como uma prática narrativa. Então, quero ler esta citação do capítulo 3, "Simpoiese", na qual você diz: "A tecelagem Navajo é praticada em toda a Nação Navajo, mas vou dar ênfase às tecedoras de Black Mesa, suas ovelhas e suas alianças. Seria um grave erro de categorização chamar

o tecido Navajo de “ativismo arte-ciência”, que foi um nome suficientemente cômodo para o Crochet Coral Reef. Além de ignorar nomes Diné consistentes e precisos, ambas categorias “arte” e “ciência” continuam a fazer um trabalho colonizador neste contexto. No entanto, também seria um sério erro de categorização cercar o tecido Navajo, deixando de fora a prática matemática, cosmológica e criativa contínua que nunca se encaixa nas persistentes definições coloniais do ‘tradicional.’”

**Donna:** Então, eu achei que era uma... a decisão de escrever sobre a Nação Navajo, o be'iiiná dos Diné, os tecidos Navajo, Black Mesa, foi uma decisão difícil por muitos motivos. A questão de que pessoas brancas, inclusive mulheres brancas, falem por povos indígenas já é mais do que suficiente. O tipo de facilidade com que uma pessoa... Jennifer Denetdale tem sido particularmente eloquente a este respeito, ela é uma historiadora importante do povo Diné e, você sabe, uma pessoa realmente ativa e importante. Ela tem sido particularmente eloquente sobre a importância de que o povo Diné fale por si mesmo, obrigada, inclusive na academia. Ao escrever aquela parte, trabalhei o máximo que pude para ler e escutar e ser informada não somente por acadêmicxs brancxs, não só por acadêmicxs como é usual, especialmente por pessoas brancas, mas não só. Tentei, cuidadosamente, escutar e pensar com pensadorxs Navajo de forma anticolonial, o que é praticamente, essencialmente impossível. Esta não é uma prática inocente, ok? Eu sou uma pessoa que possui tapetes Navajo. O pai do meu marido comprou um tapete Navajo na reserva há muitos anos, e por aí vai. A linhagem da conquista, do capitalismo colonial no sudoeste, é um ponto crítico... Eu sou do Colorado, essa é a minha própria linhagem pessoal, de várias maneiras. Portanto, pensar-com a tecelagem Navajo em Black Mesa, em relação com a drenagem do aquífero para produzir água, para transportar a lama de carvão de Black Mesa às usinas geradoras que produzem energia para transportar a água e o trasvase até as cidades de Phoenix, para fornecer água às cidades do sudoeste. A extração de carvão e água de ambas terras Hopi e Navajo, onde as pessoas veem por si próprias seu lençol freático afundando, suas ovelhas morrendo, seu povo sendo deslocado. Os preços de seus tecidos, a partir do século XIX, são preços que essencialmente mantêm essas pessoas em dívida permanente. Eu sei, por exemplo, que os tapetes Navajo são vendidos hoje, em alguns casos, por centenas de milhares de dólares no mercado internacional de arte. Parte do trabalho realmente antigo foi vendido a peso, como se fosse apenas lã cru, por conta das restrições comerciais impostas à Nação Navajo, enquanto as pessoas precisam comprar açúcar e farinha e são mantidas em uma espécie de dívida permanente. Então, sei alguma coisa sobre a estrutura da conquista colonial e do extrativismo e sobre a estrutura da luta pela soberania indígena que está incorporada em cada um desses tapetes. E também sei um pouquinho sobre o modo que as padronagens desses tapetes, que não podem ser protegidas... que não têm proteção de direitos autorais da mesma forma que outros produtos indígenas têm



proteção de direitos de autor. Elas não têm proteção de direitos de autor porque já estavam no mercado internacional de commodities no final do século XIX, como produtos turísticos e mercadorias. Assim, os esforços para proteger as padronagens, a forma pela qual os comerciantes, acadêmicos, ativistas e outros podem se mover e extrair ideias, padronagens, histórias... Há uma tremenda controvérsia neste momento sobre uma série de livros, livros de ficção científica, que fazem uso de algumas das histórias Navajo que não deveriam estar em domínio público, mas que agora estão em domínio público porque foram publicadas. Tenho consciência de que até escrever esta seção do capítulo me colocou em meio a múltiplas contradições e que não havia outra forma de fazer isso de maneira inocente. Mas pensei que as práticas de solidariedade eram suficientemente importantes para correr o risco de pôr em primeiro plano o que poderia significar cultivar a capacidade de resposta nesta situação. E essas práticas de tecelagem que, você sabe, seria um erro, como eu disse na citação, relegá-las à categoria de bordados artesanais. Por outro lado, estas são práticas em que as famílias têm muito orgulho de seus tecidos e suas padronagens, há mulheres que são conhecidas como tecelãs na Nação Navajo. Há alguns homens também, mas a maioria são mulheres, para quem as ovelhas, o tecer, tudo é um assunto de grande importância e onde a venda desses tapetes é realmente importante para a renda da Nação Navajo. Então, o que constitui um preço justo? O que constitui um tipo de relação com esses tecidos e as pessoas que os tecem que seja contrária ao capitalismo colonial, ao invés de ser apenas mais um de seus capítulos? Eu não tenho certeza se o meu capítulo é mais um capítulo do capitalismo extrativista colonial ou se é um gesto parcial, de reconciliação parcial. Me parece que esse é o risco daquele capítulo.

**Helen:** Bem, eu li esse capítulo e estou muito preocupada com isso, porque sou argentina e vivo na Europa, mas sou uma pessoa branca. Sou antirracista, estou com o movimento antirracista mas, sempre, no fundo, algumas pessoas dizem: bem, mas você não é branca. Mas eu sou branca e meus ancestrais eram colonizadores. Não só isso, mas também moro na Europa. Então, eu amo o modo que você escreve essas histórias aqui. Porque acho que o que você está fazendo é pensar-com. Está muito claro que você está bastante preocupada com, por exemplo, a maneira como você não traduz a palavra “hózhó”. Não sei como pronunciar a palavra, essa ideia não de equilíbrio no mundo e também essa ideia... como se ‘harmonia’ fosse uma má tradução, harmonia ou ordem... Essa ideia de que não se pode traduzir isso por outra coisa e você resiste a traduzi-lo, acho que esse também é um gesto para dizer “o que faço é pensar-com porque precisamos disso”. Acho que os povos indígenas não precisam de pessoas brancas, é claro, mas a Terra precisa desse conhecimento, dessa prática e desse pensamento. E com pessoas como você, ou pessoas como eu, que temos acesso para falar com muitas pessoas públicas, pensadores, ativistas, artistas e muitos potencializadores de forças transformadoras. Precisamos dessa conversa, precisamos participar dessa conversa. E para mim é

semelhante ao que você faz com “Faça parentes, não bebês”. É muito arriscado porque muitas pessoas, não apenas mulheres, mas também pessoas de movimentos antirracistas dizem: “Ei! O que diz essa senhora branca?”

Ok, me desculpe, eu poderia ficar aqui por horas, mas há muitas perguntas sendo feitas pelas pessoas. Parece que há mais de 500 pessoas conectadas e todxs dizem que você é incrível e então eu tenho, ok... vou para a primeira pergunta, lendo como posso. Carlos Hoffman pergunta: a ideia de ficar com o problema se refere à luta interminável da vida biológica como uma lição significativa para a humanidade contemporânea?

**Donna:** A vida biológica é implacavelmente oportunista. Não se trata tanto de uma luta como de um oportunismo implacável, cheio de todo tipo de coisa, incluindo alegria e sofrimento, matar, comer, nutrir e fomentar. O mundo biológico do qual somos membrxs plenos... não é como se a humanidade aprendesse do mundo biológico, mas sim que a humanidade está dentro do que Bruno Latour chamou de Terrestre. Conversamos com Bruno Latour no fim de semana passado de que somos Terrestres. Eu sou bióloga de formação e acompanho o trabalho biológico, principalmente em relação às teorias sobre os holobiontes, teorias sobre viver e devir-com outrxs desde o início, porque o mundo biológico é e sempre foi um tipo de devir-com e nunca fomos apenas um, nunca fomos indivíduos. Então, sim, acho que uso, certamente uso a biologia como uma metáfora e uma história para enfatizar o estar-com, o devir-com mais do que o devir, devir-com. Sempre estamos com outrxs em nossas especificidades e circunstâncias situadas, não somos todxs iguais. Seres humanos não são o mesmo que os polvos. Não somos iguais aos babuínos, não somos o mesmo que as formigas ou o coronavírus, mas estamos uns com os outrxs nesta Terra de maneiras que são importantes para a continuidade. É por isso que estou realmente interessada na especificidade situada. E acho que a biologia é um ótimo lugar para aprender sobre a especificidade situada. Porque se você quer levar a biologia a sério, precisa entender o que “estas” moléculas estão fazendo com “estas” outras moléculas neste tipo de mundos de ação e associação. Não é o tempo todo, em todos os lugares. A especificidade realmente importa se você é uma bióloga séria. Eu acho que o meu sentido de ficar com o problema... quando eu disse ficar com o problema, eu estava pensando mais nos problemas, nas crises urgentes entre nós. Não penso que o mundo biológico esteja inerentemente em uma crise urgente. Por outro lado, a destruição radical de formas de vida complexas ou a simplificação radical de ecossistemas inteiros, o aniquilamento de todos os tipos de diversidade, humana e mais-que-humana, em sistemas de monocultura de todo tipo, em sistemas de simplificação para extração. Esse é um problema no mundo biológico, incluindo o lugar da humanidade no mundo biológico. Mas eu realmente não penso o biológico e o problema separadamente... você entende o que quero dizer.

**Helen:** Ok, obrigada. Tenho uma segunda pergunta aqui pelo YouTube, de Chiara Garbellotto. Você pode falar algo sobre a diferença entre justiça e cuidado?

**Donna:** Sim, você me ouviu falar constantemente em justiça e cuidado. Não fiquei satisfeita em usar somente uma dessas duas palavras porque elas trazem ressonâncias diferentes. E há um modo de falar sobre cuidados que, penso, inclui cuidar verdadeiramente, inclui justiça, no sentido de uma atenção aguda à desigualdade, ao equilíbrio para viver bem, para lidar com crimes, verdadeiros crimes contra o mundo, crimes contra a terra, crimes contra a humanidade, crimes contra indígenas, contra trabalhadores, contra mulheres... a questão da violência doméstica e do feminicídio, a maneira pela qual a violência doméstica se intensificou com o confinamento. Os crimes contra mulheres e crianças aumentaram, tanto psicológicos quanto físicos, durante o abrigo-em-casa, porque estar confinada ao espaço doméstico é estar confinada às estruturas herdadas da violência. A noção de justiça é realmente crucial para pensar bem sobre esses dilemas. Acho que preciso da noção de justiça para alcançar e abordar estruturas de injustiça e violência. Preciso dos cuidados como uma forma de nutrir e ajudar a florescer e a construir condições para a continuidade com alegria, para viver e morrer com alegria uns com outros. Não é que... penso que essas ideias precisam uma da outra, elas se fundamentam de tal maneira que uma contém a outra: a justiça real inclui o cuidado e o cuidado real implica a justiça. Mas cada uma traz à tona diferentes aspectos do que precisa ser feito.

**Helen:** Ok, muito obrigada. A terceira pergunta aqui no YouTube é de Jack Brighi: há outros projetos das histórias de Camille por vir, sejam seus ou de outros bichos? Você pensa em outros exemplos de histórias do composto?

**Donna:** Bem, ocorre que as histórias de Camille foram coletadas por um grande número de pessoas no teatro, nas obras de arte, nas narrativas, em uma espécie de troca online ficcional de escolas secundárias sobre as histórias de Camille. As histórias de Camille foram coletadas de formas que eu realmente gosto. Não sei se vou escrever mais histórias de Camille, no sentido de que considero o último capítulo mais como um *storyboard*, como um esboço de histórias possíveis, do que uma narração. Acontece que eu não sou muito boa na escrita de ficção, embora eu possa escrever um *storyboard*... veremos.

**Helen:** Você disse no livro que você e Rusten queriam criar páginas na internet sobre as histórias de Camille.

**Donna:** Sim, dissemos. Pode ser que ainda aconteça, mas ainda não o fizemos e já faz cinco anos, então não me parece muito favorável

**Helen:** Não, não parece muito, mas talvez seja devido também ao seu fim aberto. O que eu amo nas histórias de Camille é que é uma história muito aberta, que chama à colaboração de outras pessoas. Eu mesma coordenei algumas oficinas sobre as histórias de Camille e o que fizemos foi pegar alguns pequenos pedaços da história e os desenvolvemos. E foi muito divertido porque o que criamos não foram outras histórias, não pudemos sequer escrever as histórias que imaginamos, mas passamos o dia inteiro da oficina falando sobre isso... foi muito performativo, mais do que um exercício de escrita.

**Donna:** Eu acho que elas... sim...

**Helen:** Não, não, diga-me.

**Donna:** A narração especulativa, este tipo de revezamento de histórias, brincar de cama de gato uns com os outros, um tipo de jogo de cordas com histórias entrelaçadas... é disso que tratam as histórias de Camille.

**Helen:** Exatamente, totalmente. Ok, a terceira pergunta, não, a quarta pergunta acaba de chegar: você acha que uma ética nômade pode ser útil para pensar a crise do Antropoceno?

**Donna:** Bom, a resposta curta é sim. A resposta mais longa é o meu amor por Rosi Braidotti e sua operação feminista de modos nômades de ser e pensar e sua forma de usar essas ideias para explorar a Terra migratória, as questões de movimento que atam os seres da terra, os povos e os territórios da Terra, e também a oposição a uma espécie de fixidez pelo substancialismo e pelo excepcionalismo humano. Penso em Rosi Braidotti como uma amiga para toda a vida, como pensadora e como ser humano, e eu gosto de tudo que ela diz! Minha amiga em Bogotá, Tania Pérez-Bustos, eu não disse seu nome corretamente, ela é quem me ensina impressionantemente sobre pensar na prática do tecido, ela e Lucy Suchman também. E nos estudos das ciências... você sabe que Rosi também está nos estudos das plantas. Estas são redes, sim, isso é importante para o nosso pensamento nesta época do Antropoceno, esta época em que seres humanos sempre situados põem em risco mundos de vida da Terra. Chamo isso de Antropoceno, não a humanidade como tal, mas os seres humanos situados.

**Helen:** Bem, seguimos com uma pergunta da Jara Rocha. Olá, Jara! Ela diz: “Eu gostaria de perguntar uma coisa em relação aos espaços hiperbólicos, já que na sociedade do ‘metro e meio’ da suposta nova normalidade, a rigidez das superfícies euclidianas está ressurgindo com muita determinação. Quais são as implicações de reclamar por superfícies não euclidianas neste presente espesso de sociedades muito mais complexas do que narra o conto de 1,5 metros?”

**Donna:** Acho que não conheço o conto do metro e meio mas deveria, talvez ela possa me contar um pouco sobre isso. Mas as superfícies hiperbólicas no Crochet Coral Reef, que é a minha forma de aprender sobre as superfícies hiperbólicas e que é precisamente matemático, obrigada! E ambas Christine e Margaret Wertheim... Margaret Wertheim é matemática e Christine Wertheim é uma pessoa da literatura, uma artista, e são gêmeas de Brisbane que trabalham juntas há anos. O Crochet Coral Reef é um projeto que já tem muitos anos e está em muitos países, em muitas línguas e muitas comunidades de práticas que efetivamente elaboram superfícies hiperbólicas de maneira artesanal como uma prática de conscientização sobre a responsabilidade pelos arrecifes de coral e suas populações humanas e não-humanas em risco. Mas o mundo é hiperbólico, o mundo é hiperbólico e não euclidiano, ou o mundo é provavelmente mais do que hiperbólico. As superfícies hiperbólicas e os espaços hiperbólicos e este tipo de curva são só uma prática matemática dentre muitas, e as práticas matemáticas são ferramentas, são ferramentas de significação para explorar certos aspectos do mundo. São práticas de pensamento e como práticas de pensamento são altamente materiais, não são... não se pode substituir isto pelo mundo, não mais do que se pode substituir, você sabe, a parábola, ou o quadrado, ou o círculo, ou o espaço euclidiano. Todas essas são ferramentas para pensar e nenhuma delas é adequada. Cometemos um erro terrível quando pensamos em qualquer uma dessas ferramentas como uma representação adequada do mundo, mas elas podem nos ajudar a explorar, elas podem abrir a imaginação e a prática colaborativa para contar histórias e viver histórias de outro modo. E as histórias não são somente ficção, são também formas reais nas quais podemos seguir uns com os outros, acredito.

**Helen:** Esta é a última pergunta, sim. Ok, este é Miguel Aparício, ele escreve da Amazônia brasileira, duplamente atacada pelo vírus em uma região sem estruturas sanitárias e por Bolsonaro, cujo Ministro do Meio Ambiente recentemente disse que devemos aproveitar para ganhar terreno sobre as florestas enquanto estamos “despistadxs” pelo COVID-19. É possível fazer uma aliança com o vírus contra o fascismo neste contexto dramático? Não podemos sobreviver com o fascismo, podemos sobreviver com a infecção?

**Donna:** Sim, podemos sobreviver com a infecção, mas não podemos sobreviver ao fascismo. Acho que o fascismo que está surgindo no Brasil, nos Estados Unidos, na Hungria e em muitos lugares, o fascismo que está surgindo na Terra agora, em poderosos Estados-nação, põe em risco nossos presentes e nossos futuros, em parte devido ao grau de dano já existente. O ressurgimento do fascismo, que inclui o franco genocídio... Acho que Bolsonaro está envolvido em um franco genocídio usando o vírus, na verdade, para encobrir, para forçar a destruição final da Amazônia brasileira, seus povos e suas formas de vida, humanas e mais-que-humanas. E nos Estados Unidos, acho que o vírus serve para encobrir, a pandemia serve para encobrir a contínua desregulação da



legislação ambiental, a contínua liberação de mais extração de combustíveis fósseis, da mineração, etc. Acho que os governos nacionalistas fascistas, que são misóginos, racistas e francamente fascistas, estão utilizando a pandemia para promover seus fins maiores e preexistentes. Podemos viver com a infecção? Bem, certamente sim. A infecção é parte do mundo biológico, incluindo a infecção que mata de forma diferencial, e penso que o fortalecimento dos equipamentos de saúde pública serve para proteger os seres humanos e o mundo mais-que-humano também. O tipo de equipamento de saúde pública que bloqueia as infecções nas populações vulneráveis de animais e plantas, por exemplo. A paisagem contemporânea, a indústria globalizada da paisagem é uma indústria que propicia a pandemia ao destruir plantas e animais em todo tipo de lugares do mundo, é um instrumento de destruição. A indústria contemporânea da paisagem funciona através da infecção, por isso é necessário, se for possível, uma espécie de equipamento de saúde pública em relação ao desenho da paisagem, um equipamento de saúde pública em relação ao que realmente constitui a proteção das pessoas nos lugares de trabalho, nos lugares de atendimento aos idosos, nos hospitais, nos bairros. Sim, podemos viver com a infecção, o que não é o mesmo que não fazer nada a respeito da infecção e só abraçar o vírus, isso não faz sentido! O vírus é um assassino! Mas precisamos de uma espécie de re-nutrição da complexidade biológica e dos habitats, habitats agrícolas, habitats florestais. Esses vírus... cada vez mais pandemias emergem e provocam matanças em massa, tanto de humanos como de mais-que-humanos, devido às contínuas práticas de destruição do capitalismo global hiperbólico, que é realmente hiperbólico.

**Helen:** Realmente hiperbólico, totalmente!

**Donna:** Não é euclidiano.

**Helen:** Ok, eu gostaria de continuar e dizem que há mais perguntas, mas chegou a hora de terminar. Gostaria de agradecer a você, Donna, por esta conversa incrível. Foi realmente generativa e inspiradora, mais uma vez. Também gostaria de agradecer especialmente ao pessoal da Radical May que está organizando este evento e também à Consonni, a editora que publicou o livro em espanhol. Gostaria de agradecer-los porque continuam trabalhando em circunstâncias muito difíceis, não em prol da produtividade, mas porque querem manter a continuidade da história, e eu admiro muito isso. E também, é claro, agradeço aos leitores porque sem os leitores não há livros. E, é claro, às 500 pessoas, ao que parece, que nos acompanharam nesta conversa, e também a todos da rede Conceptualismos del Sur em vários lugares da América Latina que vão traduzir e legendar esta conversa. Então, em poucos dias, talvez em quinze dias, no máximo, o vídeo será publicado com legendas. E acho que isso é tudo. Para finalizar, vamos terminar a conversa com uma canção muito breve da maravilhosa e bela Maria Arnal, que é uma artista e cantora e que se inspirou no seu livro para fazer uma composição breve. Vamos terminar a conversa com uma de suas canções.

**Donna:** Obrigada, Helen. Obrigada, Maria. Penso em Barcelona, é bom estar em Barcelona outra vez.

**Helen:** Espero que sim! Até logo a todxs e obrigada. Lembrem-se de comprar o livro na sua livraria favorita. Também temos o livro eletrônico. E apoiem mais livrarias e pequenas editoras porque é importante!

**Donna:** É importante.

**Helen:** Ok, obrigada e até logo a todxs.

*A conversa acima foi organizada pela editora consonni (<https://www.consonni.org/>) no contexto da Radical May da Fira Literal.*

**DONNA J. HARAWAY** é bióloga, filósofa e professora emérita do departamento de História da Consciência da Universidade da Califórnia. É autora, entre muitos outros, de “O manifesto ciborgue”, *Primate visions: Gender, Race and Nature in the Word of Modern Science* e *Simians, Cyborgs and Women: The reinvention of Nature*.

